

OS FACTORES DETERMINANTES DO TERRORISMO NUM CONTEXTO GEOPOLÍTICO ¹

Ana Bela Santos Bravo ²

Carlos Manuel Mendes Dias ³

RESUMO

Este artigo analisa o terrorismo no período 1997–2004 utilizando indicadores para 121 países das várias regiões do globo, desde a Europa à América do Norte, América Latina, Médio Oriente, Ásia e África. Apresenta-se um modelo de natureza exploratória de explicação do terrorismo baseado nas seguintes hipóteses: (1) O Islamismo representa uma importância crescente como factor determinante da evolução do terrorismo; (2) Os aspectos geopolíticos podem desempenhar um papel importante no desenvolvimento do terrorismo. Com efeito, dependendo de factores económicos, demográficos e políticos, configuram-se relações de poder entre Estados em espaços geográficos determinados. A análise dos indicadores estatísticos e os resultados obtidos com uma estimação de uma relação econométrica, apontam para a comprovação empírica da segunda hipótese, pois que, o número de ataques está associado a países com fracos níveis de desenvolvimento, baixo nível de literacia, existência de reservas minerais e posição geográfica relevante. Além disso, verificou-se que os factores que determinam o terrorismo são diferentes em duas áreas de natureza geopolítica diferenciada.

¹ Adaptação da comunicação apresentada no âmbito da «Lisbon Conference on Defence and Security», realizada nos dias 1 e 2 de Julho de 2004, no Instituto da Defesa Nacional.

² Professora Associada com Agregação. Docente na Academia Militar das disciplinas de Finanças Públicas, Microeconomia e Macroeconomia. Membro efectivo do CINAMIL.

³ Tenente-Coronel de Artilharia. Docente na Academia Militar das disciplinas de Geopolítica e de Elementos de Estratégia. Membro efectivo do CINAMIL.

1. Introdução

O vasto número de estudos acerca do terrorismo reflecte a crescente apreensão face à magnitude desta “ameaça”. Os estudos têm abordado o fenómeno de acordo com perspectivas diferentes, tais como a da economia, a das relações internacionais e a da ciência política. Existe uma vasta literatura em torno de estudos empíricos sobre os factores que determinam o terrorismo e também sobre as suas consequências. Sandler e Enders (1996, 2000, 2004) oferecem importantes contributos para a sua análise económica, quer acerca dos factores que determinam essas acções, quer sobre os seus resultados. Bruk e Wickstrom (2004) apresentam uma introdução à importância da avaliação económica das consequências do terrorismo e resumem alguma investigação recente neste domínio. A complexidade do fenómeno decorrente das suas várias facetas e repercussões, tem condicionado a literatura sobre o assunto, que tem focado os aspectos multidimensionais e interdisciplinares, nomeadamente analisando o papel do baixo nível de rendimento, da ausência de democracia e da existência de instituições fracas no seu desenvolvimento. Entre outros, Hegre (2002) Dumas (2002), Eubank and Weinberg (1994,1998) and Drakos (2004), analisaram a influência do nível de desenvolvimento e do regime político; Krueger (2002) estudou a relação com baixos níveis de literacia e Li (2003) concluiu que existe uma relação positiva com a globalização. Outros estudos se poderiam citar; porém, os seus resultados, baseados em dados globais do número de ataques ao nível mundial ou para um grupo alargado de países, não são totalmente conclusivos. Por exemplo, ao nível global, vários estudos encontram uma relação positiva entre o regime político democrático e o número de atentados – como é o caso de Eubank and Weinberg (1998), que concluem que é nos países democráticos que tem havido mais atentados. Porém, a relação inversa verifica-se quando o grupo de países analisados é menor e dependendo do conjunto das variáveis explicativas utilizadas.

Este artigo segue de perto esta linha de investigação; porém, procurámos realçar outros factores que consideramos relevantes, enquanto factores determinantes do desenvolvimento do terrorismo:

- A influência crescente do Islamismo ⁴;
- A importância do contexto geopolítico global e também das regiões onde os ataques se concentram.

⁴ Segundo dados do Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança, o fundamentalismo islâmico foi responsável por 46% dos ataques terroristas perpetrados no ano de 2003.

O primeiro aspecto tem sido estudado, tendo Hoffman (1997) realçado a sua importância desde 1979. No que respeita ao segundo aspecto, pensamos que os factores de natureza geopolítica/geoestratégica não têm sido explorados na literatura, com uma referência a Le Billon (2001), que analisou, do ponto de vista da ecologia política, a importância da existência de recursos naturais estratégicos no surgimento de conflitos armados.

A ausência do contexto geopolítico nas análises empíricas das causas e das repercussões do terrorismo pode explicar, em parte, a dificuldade de consenso quanto aos factores económicos, políticos e sociais que determinam o fenómeno. De facto, se tivermos em conta que as diferentes regiões do globo têm contextos geopolíticos diferentes, parece incorrecto tentar encontrar variáveis explicativas para o fenómeno em termos globais, ou seja, utilizando os mesmos indicadores estatísticos para todos os países. Essa metodologia parece-nos incorrecta pois, as organizações terroristas têm operado em países muito diferentes e inseridos em contextos regionais e em circunstâncias políticas distintas.

As configurações geopolíticas regionais e globais também se alteraram após a queda do muro de Berlim, da guerra do Golfo e sob o impacto do complexo processo dinâmico da globalização, juntamente com as suas repercussões económicas, sociais, tecnológicas e culturais. Todos estes factores, além de outros, influenciaram a evolução do terrorismo, quer na sua vertente doméstica, quer na transnacional. De facto, apesar de muitos grupos terroristas serem relativamente pequenos e não possuírem as necessárias estruturas, físicas e organizacionais, as novas tecnologias de informação e de comunicação, tais como os sofisticados circuitos financeiros globais, permitem-lhes desenvolver *networks* mais ou menos informais.

Assim, escondidos no complexo sistema de interações que a globalização vai tecendo, as organizações terroristas também se tornaram actores globais, tal como as empresas multinacionais e as organizações não-governamentais, num mundo que é movido por interesses políticos e económicos em intrincados jogos de influência e de domínio. Por esta razão, pensamos que o contexto geopolítico internacional não pode ser ignorado no estudo do terrorismo.

Os objectivos deste artigo são os seguintes: (1) identificar os principais elementos das estratégias terroristas em termos de um modelo *ad hoc*, em que o factor Islâmico e o contexto geopolítico, se assumem como factores-chave; (2) em segundo lugar, analisar indicadores seleccionados, por país, que traduzam a sua caracterização demográfica, política e económica e o posicionamento geográfico. Procurar-se-à testar se esses indicadores estão significativamente relacionados com o número dos ataques terroristas no período compreendido entre 1997 e 2004.

Na primeira secção são introduzidos alguns conceitos relacionados com as causas, as táticas e elementos de estratégia que estão subjacentes às actividades terroristas. Na segunda secção, discutimos os factores económicos, sociais, religiosos e políticos que podem ser considerados como determinantes, apresentando uma breve revisão da literatura.

Na terceira secção são descritos os pressupostos que são considerados relevantes para sustentar os fundamentos do nosso modelo. Foi utilizada a abordagem de Zbigniew Brzezinski (1997) no âmbito das configurações geopolíticas/geoestratégicas e das suas implicações nas estratégias dos Estados. A análise deste modelo pode ajudar-nos, não só a ter uma visão mais completa dos factores que determinam o terrorismo, como possibilitar a análise do impacto dessa tipologia de acções na estratégia de poder dos Estados aos níveis regional e mundial.

A quarta secção apresenta uma análise dos dados, comparando-se a evolução do fenómeno terrorista no período compreendido entre 1968 e 1997 com o período mais recente. A seguir, enunciam-se uma série de hipóteses acerca das determinantes do terrorismo e descreve-se a metodologia usada para elaborar um teste empírico do modelo. Na quinta parte apresentam-se os resultados, terminando com as conclusões.

2. Análise Conceptual do Terrorismo

2.1. *O conceito de terrorismo e as suas causas*

A ameaça do terrorismo internacional começou por produzir reacções anti por parte do governo americano no fim dos anos 80, na sequência de vários ataques. Em 1986, o então vice-presidente George Bush criou o *Counter Terrorist Centre (CTC)*, com a missão de auxiliar o Director da *Central Intelligence*, em coordenação com outras agências governamentais. Ao CTC, foi atribuída a missão de tomar acções preemptivas⁵, dissolver e derrotar as actividades terroristas logo no seu estágio inicial.

⁵ “Contudo, a distinção entre preempção e prevenção é significativa para a ordem internacional e não deveria ser omitida. Envolve a diferença entre, por exemplo, a decisão de Israel de Junho de 1967 de tomar uma acção preemptiva contra o eventual ataque para o qual as forças árabes estavam a preparar-se, e o ataque aéreo de Israel em 1981 ao reactor nuclear de Osiraq com vista a prevenir-se contra a possibilidade do Iraque eventualmente adquirir armas nuclear. O primeiro respondeu a uma ameaça iminente; o último impediu o surgimento ou a configuração da ameaça” (Brzezinski, 2004, p.36, traduzido por nós).

O termo terrorismo significa violência premeditada e politicamente motivada perpetrada contra alvos não-combatentes, por grupos nacionais ou agentes clandestinos, com a intenção de influenciar uma audiência ⁶. Por seu lado, consideram-se terrorismo transnacional, os atentados que envolvem o território ou os cidadãos de mais de um país.

A análise das causas proclamadas do terrorismo, leva-nos a apontar as seguintes: ideologia política, radicalismo religioso, conflitos étnicos, movimentos de independência ou separatismo, crime organizado ou simplesmente, a defesa de direitos dos animais ou do ambiente. Habitualmente, a sua definição restringe-se ao exercício de violência contra inocentes ⁷, planeada com motivação política, sem ter em vista o lucro privado e procurando a espectacularidade, projectada através dos *mass media*.

É relativamente consensual que os principais leitmotivos para as acções terroristas encontram-se associados a problemas domésticos, sendo direccionados contra um determinado regime político, um governo ou contra estruturas económicas e sociais. Neste sentido, a corrente radical Islâmica não é diferente de outros grupos ⁸ terroristas; contudo, eles “exportaram” o que, originalmente, eram apenas problemas internos a algumas sociedades Islâmicas, iniciando as suas cruzadas, movidos por ódio contra o Ocidente e os EUA em particular, agitando a cena internacional desde o final dos anos 70.

Verificou-se, de facto, a confluência das correntes internacionais e nacionais do fenómeno, como Hoffman (1997) notou. Por essa razão, neste trabalho analisámos os dados globais relacionados com os ataques terroristas registados, pois não parece correcto separar incidentes domésticos e transnacionais, quando a intenção é o estudo dos factores que determinam o terrorismo em geral.

2.2. *Elementos das estratégias dos grupos terroristas*

Neste artigo pressupomos que, na maioria das circunstâncias, a maior parte das organizações terroristas activas são jogadores estratégicos. É, pois, importante definir alguns conceitos. A estratégia envolve a estruturação, a geração e a utilização dos recursos do grupo terrorista no planeamento dos ataques e de

⁶ In Title 22 of the US Code, section 2656f (d).

⁷ Este não é o principal tema deste estudo; contudo, o problema poderia também ser abordado utilizando a dicotomia combatentes/nao-combatentes.

⁸ “Toda a atenção concedida ao “terrorismo com um alcance global” não consegue fazer apagar as origens nacionais dos terroristas, o objecto específico dos seus ódios, ou as suas raízes religiosas” (Brzezinski, 2004, p.32, traduzido por nós).

outras acções (incluindo a participação em actividades políticas legais), com vista a criar as condições que satisfazem os seus objectivos políticos e é desenvolvida ao mais alto nível do grupo. Essas estratégias têm apresentado diferentes padrões, mas são quase sempre caracterizadas, quando materializadas em acções, pelos seguintes elementos: impacto psicológico, intimidação, incerteza, diversidade no que se refere aos objectivos e aos meios usados, criação do caos e provocação. Dada a sua interligação, consideramos que todos os elementos citados são centrais nas acções executadas, determinando as suas tácticas. Dada a dificuldade em detectar um padrão constante para estas actividades, poderemos afirmar, mesmo assim ou por essa razão, que as organizações terroristas actuam estrategicamente?

A decisão de atacar, a selecção dos alvos e das armas, parecem exigir a avaliação de um número de factores: objectivos políticos, disponibilidade de recursos, a reacção esperada da sociedade às acções terroristas, o sistema de segurança que enfrentam, a eficácia e a eficiência dessas actividades. Tudo isto tem que ser considerado, numa lógica de planeamento estratégico e portanto ao seu mais elevado nível, com a coacção a constituir-se como objecto e no cumprimento de finalidades em ambientes agonísticos, onde a competitividade/conflitualidade de objectivos é uma realidade.

Por outro lado, no contexto militar, o terrorismo começou por ser estudado como um tema da guerra subversiva (num quadro interno), dado que: (1) geralmente, um dos lados utiliza meios não-militares, i.e., não-institucionais; (2) a transnacionalidade das acções terroristas não era significativa e (3) os actores internacionais eram essencialmente Estados. A realidade internacional, hoje, reflecte a importância de actores não-estatais, entre eles, aqueles que fazem do terrorismo o seu *modus operandi* principal.

De outro ponto de vista, a distinção entre estratégia e táctica é baseada na definição de alguns critérios e variáveis explicativas que, por vezes se sobrepõem; isto induz alguma confusão entre o que se consideram acções tácticas e acções estratégicas⁹. No entanto, não há dúvida de que a caracterização

⁹ Por vezes, há alguma confusão no uso dos termos, por exemplo, entre conflitos armados e terrorismo. A expressão *war on terrorism* não está correcta, tendo sido usada, com frequência, para manipular a opinião pública e, eventualmente, obter dividendos nos quadros normativos. De facto, consideramos que “*Identificar terrorismo em si mesmo como o inimigo ignora o facto de que o terrorismo é uma técnica letal de intimidação empregue por indivíduos, grupos e estados. Ninguém dirige uma guerra contra uma táctica ou técnica. Ninguém por exemplo, teria declarado durante a 1ª Guerra Mundial que a Guerra estava a ser travada contra a «blitzkrieg»*” (Brzezinski, 2004, p.28, traduzido por nós).

dos grupos terroristas como actores estratégicos na complexa teia das relações internacionais pode ser sustentada pelos seguintes argumentos: o impacto político das suas acções, as consequências das suas actividades nas estratégias seguidas pelos Estados e, por vezes, a natureza dos meios utilizados; em últimas análise, por causarem a alteração de relações de força existentes. Em nossa opinião, o recente ataque do 11 de Março em Madrid, mostrou que os terroristas planearam manipular ou pressionar a opinião pública, com vista a interferir nos resultados eleitorais, que estavam prestes a realizar-se; obtiveram sucesso e, decorrendo, a Espanha retirou a sua força militar do Iraque, o que parece ter sido a finalidade última, juntamente com as inerentes consequências, do ponto de vista político, nas relações com outros Estados; em simultâneo, a acção demonstrou a sua capacidade para enfraquecer as instituições democráticas. Tal como Mueller (2004) argumentou, utilizando a óptica das escolhas públicas, após o 11 de Setembro, o impacto do terrorismo nos valores e nos direitos políticos das sociedades livres, poderá conduzir a uma redefinição da cidadania nos Estados democráticos.

As recentes actividades terroristas no Iraque também poderão querer dizer que organizações terroristas estão agindo considerando realidades geopolíticas/geoestratégicas; neste caso, para impedirem o controlo daquela região pelo actor americano e seus aliados. Com efeito, algumas organizações terroristas tornaram-se actores não convidados no “teatro” da geopolítica mundial, com um *script* que ninguém conhece, jogando violentamente de acordo com as suas próprias regras, usando meios não convencionais, mas sempre com intenções políticas.

2.3. *O papel da ideologia*

Uma das lições da história do terrorismo é que a ideologia tem exercido grande influência, quer na escolha dos alvos, quer no padrão das actividades terroristas. No entanto, não se poderá concluir que a ideologia, ou qualquer outro factor isolado, consiga explicar a selecção dos objectivos.

Muitas das reivindicações que os grupos terroristas defendem estão, de algum modo, relacionadas com a ideologia política. Na Europa, até ao início dos anos 90, além dos movimentos separatistas, em termos ideológicos, a maioria dos grupos terroristas estavam identificados com a extrema-esquerda. Por exemplo, na Irlanda do Norte, a principal causa foi a religião juntamente com o separatismo e, no País Basco, o maior

grupo terrorista alia a aspiração separatista com a ideologia comunista. A ideologia constitui o quadro de referência ético e fornece a legitimação para a actividade¹⁰. Ao nível mundial e ao longo dos tempos, a ideologia dos extremos do espectro político, quer à esquerda, quer à direita, desempenhou um importante papel¹¹, apesar de ter estado associado a outras determinantes, tais como, a identidades de raiz étnica e religiosa.

3. Causas Religiosas, Económicas, Sociais e Políticas do Terrorismo

Deixando de lado outras motivações para os atentados terroristas, seleccionamos os seguintes factores: o Islamismo, a globalização, factores sócios-económicos e políticos e factores geográficos.

3.1 *O Islamismo*

Embora a ideologia política tenha desempenhado um papel determinante, parece consensual que, desde os fins dos anos 70, as principais motivações dos terroristas deslocaram-se da referência ideológica¹² para uma matriz étnica e religiosa¹³. Naturalmente, muitas das suas causas estão relacionadas com problemas específicos do “mundo” Islâmico, mormente, derivado da sua incapacidade de encontrar uma via para o desenvolvimento e da sua natural e factual fragmentação. A partir do início dos anos 90 alguns acontecimentos marcantes – nomeadamente, a invasão do Afeganistão pela Rússia – estimularam o desenvolvimento do radicalismo Islâmico que aperfeiçoou e espalhou a sua poderosa “ideologia” não só no mundo Árabe, mas também, entre as comunidades Islâmicas imigradas nos países ocidentais¹⁴. Este fenómeno parece estar intimamente relacionado com o crescimento do terrorismo transnacional, surgindo organizado com base numa rede

¹⁰ Como referido em Drake (1993) p. 253.

¹¹ De acordo com o Instituto Português de Relações Internacionais e Estratégia (IPRIS), quanto à responsabilidade dos ataques efectuados no ano de 2003, os movimentos de extrema-direita e de extrema-esquerda foram responsáveis por 5 e 11%, respectivamente, do n.º de acções executadas.

¹² Contudo, não devemos esquecer que “Quer os terroristas de extrema esquerda quer os de direita têm estado activos na América Latina, causando vítimas na casa das dezenas de milhares” (Brzezinski, 2004, p.29, traduzido por nós).

¹³ “O terrorismo com raiz em ressentimentos étnicos ou religiosos é o mais resistente e o menos susceptível de extirpação. Mas o terrorismo derivado de etnicidade partilhada sustentado por mitos históricos e aceso com zelo religioso tem provado ser o mais resistente de todos a uma simples supressão física” (Brzezinski, 2004, p. 29, traduzido por nós).

¹⁴ Segundo o IPRIS, quanto à responsabilidade dos ataques efectuados no ano de 2003, o fundamentalismo islâmico foi responsável por 46% do n.º de acções executadas.

descentralizada de células instrumentalizadas e inspiradas em correntes islâmicas fundamentalistas. É um fenómeno que, longe de se confinar a um problema religioso, é indissociável dos problemas aos níveis económico, social e político ocorridos ao longo do fracasso do processo de desenvolvimento de grande parte dos países árabes¹⁵. Os grupos fundamentalistas começaram, nos seus países de origem, por prosseguir o objectivo de implantar governos Islâmicos, utilizando a religião para estabelecer uma divisória em termos de Bem e Mal, transformando a religião numa poderosa “ideologia” que legitima o uso da violência¹⁶. Hoffman (1997) refere que os grupos terroristas islâmicos aumentaram de 2 nos fins dos anos 60, para cerca de metade dos 58 grupos activos em 1995. Em 2001, nos 121 países analisados neste artigo, havia 66 organizações terroristas localizadas em países em que mais de 50% das suas populações eram de origem muçulmana. Além disso, os Estados com mais de 70% de muçulmanos registaram cerca de 32% dos ataques terroristas¹⁷. Como os terroristas recrutam militantes entre as populações, parece plausível assumir que a probabilidade de um ataque terrorista é maior nos países onde a percentagem de pessoas de origem muçulmana é mais elevada. Tal é o caso de muitos dos países analisados que registaram mais atentados, como a Turquia e o Paquistão. Por outro lado, as operações da Al-Qaida têm revelado que o planeamento dos ataques também tem tido sucesso nos países democráticos, onde existem comunidades Muçulmanas, como foi o caso do 11 Março em Espanha. Este facto aponta para a importância das linhas de acção política nacionais, na formação da cidadania para a segurança e outros valores que contribuam para que as ideologias radicais não encontrem terreno fértil para se desenvolverem. Berholz (2004) defende que os valores “supremos” proclamados pelos terroristas, têm que ser combatidos nas sociedades livres, através do fortalecimento do sistema educativo com valores alternativos.

¹⁵ Pese embora os dois “gigantes” demográficos islâmicos, como a Indonésia e o Bangladesh, não sejam árabes.

¹⁶ “O zelo político dos extremistas tem sido alimentado com o fervor religioso, embora alguns dos terroristas envolvidos no 11 de Setembro levassem estilos de vida não-religiosos. O ataque ao World Trade Center, o segundo em cinco anos, revelou, assim, um evidente cunho político” (Brzezinski, 2004, p. 30).

¹⁷ De acordo com o MIPT (2004) existem cerca de 330 organizações em todo o mundo, entre as quais 210 na Eurásia mas, a maior parte não tem estado activa em anos recentes. Quando tomamos em consideração todas as organizações localizadas no espaço continental Euro-Asiático, os grupos Islâmicos representam cerca de 18%.

3.2. Os factores sócio-económicos e políticos e a globalização

Do que acima dissemos se conclui, que a situação política, social e económica dos países onde os terroristas se desenvolvem e, também dos países que seleccionam como alvo, deve ser considerada. A natureza do regime político é intuitivamente importante, já que, a subversão contra governos repressivos ou governos não reconhecidos, tem servido para legitimar o terrorismo. Uma das linhas de investigação empírica sobre as determinantes económicas e sociais do fenómeno terrorista, é a teoria da privação (*deprivation theory*); Gurr (1970) foi um dos pioneiros. O argumento principal é o de que baixos níveis de desenvolvimento económico e social estão entre as causas mais profundas do terrorismo nos países menos desenvolvidos. Tal como tem sido afirmado, “*no longo prazo veremos que os direitos humanos, a democracia e a justiça social são os melhores meios profilácticos contra o terrorismo*”¹⁸. Com efeito, a iliteracia, a discriminação de minorias e os regimes ditatoriais são a raiz de instituições fracas, embora a observação empírica não tenha sido conclusiva em relação a esta associação. Por exemplo, em África, 15 países possuem o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixo e os maiores níveis de iliteracia; as suas populações compreendem cerca de 4 a 5 grupos étnicos e muitos deles são não-democráticos; contudo, representam «apenas» o valor de 76 ataques (0,9% do total)¹⁹. Para além disso, não há evidência empírica de que os regimes democráticos tenham sofrido menos atentados (Li 2004)²⁰. Vários estudos que analisam globalmente o terrorismo, mostram que tem existido uma associação positiva entre o número de ataques e as democracias. No geral, diríamos que a associação entre instituições fracas e terrorismo se restringe a alguns países e regiões e, contrariamente à sensibilidade da opinião pública, não pode ser generalizado.

A globalização, permitindo a maior circulação da informação através dos media de alcance global, pode agravar o sentimento de injustiça das populações dos países que ficaram de fora dos benefícios desse processo, alargando, assim, o “*civilization gap*”. Para os movimentos anti-globalização, o 11 de Setembro de 2001 foi visto como o resultado dos efeitos desagregadores e de exclusão da globalização. Numa resposta a esta visão, a seguir ao ataque, Alan Greenspan

¹⁸ O Committee for Counter Terrorism criado na ONU (www.onu.org/Docs/sc/Committees).

¹⁹ Baseado nos nossos dados estatísticos cuja fonte é referenciada na lista de bibliografia.

²⁰ Pelo contrário, a Itália, a Espanha e a Alemanha sofreram muitos atentados terroristas durante 1968-89.

declarou que “a globalização é um processo que pode espalhar pelo mundo os valores da liberdade e da democracia e da comunicação cívica – que são a antítese do terrorismo”²¹. Esta mesma perspectiva tem sido amplamente divulgada por conhecidos responsáveis políticos²². Incluiremos na nossa análise empírica alguns indicadores para termos em conta a globalização, tais como: utilizadores da Internet, número de computadores, o grau de abertura ao comércio internacional e a participação em organizações internacionais²³.

3.3. *Factores Geopolíticos/Geoestratégicos*

A existência e o acesso a recursos, as infra-estruturas económicas e de comunicação, a dimensão demográfica e a localização geográfica, têm sido considerados factores relevantes para o posicionamento geopolítico. Podem influenciar as estratégias dos grupos terroristas, tal como influenciam as linhas de acção política no âmbito da defesa. Considerações de natureza geopolítica não têm entrado na análise das determinantes do terrorismo e neste artigo, essa é uma ideia central numa das hipóteses que iremos testar. Um dos modos de testar esta hipótese pode ser: em primeiro lugar, seleccionar as regiões onde as actividades terroristas têm sido mais frequentes, depois, analisar o padrão geográfico dos ataques terroristas, relacionando-os com a localização geográfica (sub-factor posição/localização) dos países afectados e as suas características económicas, sociais e políticas, procurando vislumbrar a contextualização geopolítica em que se inserem, reflectida por exemplo, em adesões a Uniões ou Alianças e ainda a outras Organizações Internacionais. Considerámos uma amostra de 121 países e colocámo-la à prova da interpretação geopolítica/geoestratégica de Zbigniew Brzezinski (1997)²⁴. O seu modelo aponta para a importância da Eurásia como sendo o tabuleiro de xadrez onde se materializa a luta pela primazia global e como tal o seu controlo constitui-

²¹ Em www.foreignpolicy.com/issue_jan/feb_2003.

²² Presidente G. W. Bush, in www.whitehouse.gov, page 2, 15-02-04.

²³ O “AT Kearney/ Foreign Policy Globalisation Index” elabora um ranking de 62 países constituindo 68% da população mundial; considera vários indicadores que vão desde as finanças ao comércio mundiais, às tecnologias de informação, turismo, viagens e e participação política. Estes indicadores formam quatro categorias: 1) integração económica; 2) tecnologia, 3) comunicação pessoal (fluxo de turismo, chegadas nos aeroportos, etc) e 4) participação política (representação em organizações internacionais, etc).

²⁴ Entre 1977 e 1981, o Dr. Brzezinski desempenhou as funções de “National Security Adviser” do Presidente Jimmy Carter.

-se como o interesse geopolítico da superpotência. A grande massa continental dominante, que se estende desde Lisboa a Vladivostok, integra quatro casas, onde se encontram também os jogadores-chave do tabuleiro: a casa Oeste, a do Leste, a do Sul e a do Centro ou Espaço Médio:

- “As extremidades Ocidental e de Leste do tabuleiro incluem regiões densamente povoadas, organizadas em espaços relativamente restritos e em vários Estados poderosos; no caso da pequena periferia Ocidental da Eurásia, a projecção directa dos EUA foi e é uma realidade;
- Na ponta Leste do grande continente vive um jogador independente e de Poder crescente (China), que controla uma massa populacional enorme, enquanto que o território do seu rival e de metade de uma longínqua península servem de trampolim para o Poder americano;
- Entre as “casas” Oeste e Leste, encontra-se o Centro (Espaço Médio), de grandes dimensões, disperso do ponto de vista populacional e à altura, politicamente fluído e organizacionalmente fragmentado, tendo sido anteriormente o “habitat” do Poder rival dos EUA;
- Na casa Sul, localiza-se uma região rica em recursos energéticos, politicamente anárquica, mas importante para os Estados euroasiáticos, quer da casa Oeste, quer da casa Leste” (Dias, 2004, p. 2-13 e 2-14).

Considerando os jogadores-chave do tabuleiro e previsões e estimativas acertadas sobre o terreno, os Estados Unidos da América têm aí o ponto de partida para a formulação da sua geoestratégia, começando por identificar, segundo o autor, os Estados com a capacidade de poderem alterar relações de força e conflituarem com a salvaguarda dos interesses da superpotência (jogadores geoestratégicos) e os Estados que pela sua localização poderão ser efectivos catalisadores, quer nos primeiros, quer nas condições vigentes em determinado espaço geográfico regional (pivots geopolíticos). São jogadores geoestratégicos, de acordo com o racional de Brzezinski (1997)²⁵: França, Alemanha, Rússia, China, e Índia; são Pivots Geopolíticos²⁶: Ucrânia, Azerbaijão, Coreia do Sul, Turquia e Irão.

²⁵ *Os jogadores geoestratégicos activos são os estados que têm a capacidade e a vontade nacional de exercer poder ou influência para além das suas fronteiras, com vista a alterar – de um modo que afecta os interesses Americanos – a situação geopolítica actual. Têm uma predisposição potencial para serem voláteis do ponto de vista geopolítico.* (Brzezinski, 1997, p.40, traduzido por nós).

²⁶ *Geralmente, os pivots geopolíticos são determinados pela sua posição geográfica, o que lhes dá, em alguns casos, um papel especial, quer em permitir o acesso a áreas importantes, quer negando os recursos a um jogador influente.* (Brzezinski, 1997, p.41, traduzido por nós).

Após a breve caracterização dos principais actores e das suas “posições” no tabuleiro de xadrez, Zbigniew Brzezinski discute possíveis linhas de acção estratégicas dos diferentes intervenientes no jogo, para aumentarem ou salvaguardarem as suas influências sobre espaços e regiões, num contexto em que um jogador externo à Eurásia, os EUA, a única superpotência – tem por objectivo manter a sua influência e inerente controlo desse espaço, já relevado, com adaptação, pelo britânico Halford Mackinder, pelo americano Alfred Mahan, pelo holandês de origem Nicholas Spykman e outros.

Pensamos que esta visão tem a utilidade de apresentar um *background* para o estudo do terrorismo, lembrando que os países convivem em determinadas regiões que, por sua vez, integram um dado espaço territorial e ocupam e marcam posições, em termos das relações internacionais²⁷. Uma visão do panorama geopolítico mundial pode ajudar a esclarecer as seguintes questões:

- 1) Os ataques terroristas foram determinados, de algum modo, por alterações de poderes regionais? Em caso afirmativo, em que moldes?
- 2) Será que os factores económicos, políticos e físicos ao nível de cada país influenciam de modo significativo as estratégias de cada estado-jogador nos espaços descritos acima? Essas estratégias “provocam” reacções por parte das organizações terroristas?

As respostas a estas questões parecem ser afirmativas no caso da Eurásia. O terrorismo no Médio Oriente não pode ser dissociado do conflito Israelo-Árabe e do envolvimento que os EUA e alguns países Europeus têm protagonizado. *“No Médio Oriente, o sentimento político árabe tem sido formado pela confluência, na região, do colonialismo Francês e Britânico, pela derrota dos esforços Árabes de impedir a formação de Israel, pelo subsequente tratamento que os Israelitas têm infligido aos Palestinianos, e pela projecção, directa e indirecta do poder Americano na região. O último tem sido interpretado, pelas forças políticas e religiosas mais extremistas da região como um sacrilégio contra a pureza sagrada dos locais santos do Islão (primeiro na Arábia Saudita, agora no Iraque), tão penoso para o bem-estar dos povos Árabes e tão enviesado como o apoio que concedem a Israel contra os Palestinianos”* (Brzezinski, 2004, p. 30, traduzido por nós).

²⁷ Salvaguardando que, do ponto de vista académico, a área das Relações Internacionais é muito mais vasta que a Geopolítica ou Geoestratégia.

É consensual a ideia de que a luta contra os Russos na invasão do Afeganistão, fortaleceu as correntes radicais Islâmicas – cuja “ponta da lança” é a Al-Qaida. Por outro lado, o terrorismo no Sul da Ásia tem sido dominado pelo conflito entre a Índia e o Paquistão, sob a égide de disputas territoriais e de diferenças religiosas.

No quadro referencial do Dr. Brzezinski, importa também mencionar a conceptualização do “*Black Hole*”, um espaço materializando um vazio de Poder, resultante da desintegração da União Soviética e, dos “*Eurasian Balkans*”, que integram alguns dos actores decorrentes da implosão e outros; a designação justifica-se, por analogia com os «Balcãs europeus», na heterogeneidade étnica e religiosa e na instabilidade do ponto de vista político, para além de que as entidades políticas em causa convidam à interferência de entidades vizinhas mais poderosas que, por sua vez, pretendem evitar ser dominadas entre si. A superpotência pretende, de uma forma geral, evitar que a área em questão seja dominada por uma única potência, decorrendo a contenção da Rússia, a abertura desse espaço à economia e às finanças globais e a promoção da sua estabilidade. No seu conjunto, os dois conceitos materializam uma amostra com os seguintes países: Estónia, Lituânia, Letónia, Bielorrússia, Ucrânia, Moldávia, Cazaquistão, Turquemenistão, Quirguistão, Tajiquistão, Arménia, Geórgia, Azerbaijão e Usbequistão.

Após esta síntese da interpretação de Brzezinski, verifica-se que no período 1997-2004, mais de dois terços das acções terroristas²⁸ registaram-se no espaço euroasiático, materializando certamente a sua importância, pese embora tenhamos que considerar a sua massa crítica, a sua heterogeneidade e a sua riqueza de recursos. No entanto, relativamente às áreas de vazio de Poder identificadas, o pequeno número de atentados terroristas aí registado nos últimos sete anos, parece apontar para a ausência de uma estratégia dos grupos terroristas nessa região²⁹, com a finalidade de obviar os interesses da potência americana.

²⁸ Ideia que se reitera mais à frente, com recursos aos elementos estatísticos recolhidos.

²⁹ De facto, analisando os dados estatísticos recolhidos, nesses espaços, incluindo Turquia e Irão, temos 802 acções, representando 17,5% das acções totais na Eurásia; sem os 666 incidentes registados na Turquia, a percentagem baixa para 3,0%.

O terrorismo em África perfaz somente 3% do total no período 1997-04³⁰, em termos do número de atentados; além disso, corresponde a um contexto geopolítico particular, em especial a África Subsariana, onde o fundamentalismo Islâmico tem pouco impacto. Assim, pensamos que não se apresenta correcto incluir os países africanos no mesmo agrupamento estatístico que a Eurásia, para efeitos de estudos empíricos, indo também de encontro a grande parte das teses geopolíticas conhecidas, incluindo a que serve de ambiente a este esforço académico: África apresenta-se ainda geopoliticamente periférica. O mesmo se aplica à América Latina, onde o terrorismo tem vindo a baixar relativamente ao total mundial, sendo relevante somente na Colômbia.

Em nossa opinião, os contextos geopolíticos diferentes apontam para a conclusão de que é incorrecto assumir que o terrorismo tem os mesmos determinantes qualquer que seja a região do globo. O nosso “*survey*” dos estudos realizados, confirma que a investigação empírica acerca das motivações dos ataques terroristas não tem conduzido a conclusões consensuais, a não ser em estudos de países, cujas conclusões não podem ser generalizadas (Li, 2004).

4. Um Modelo de Comportamento Terrorista

Neste estudo queremos testar se o número de ataques terroristas registados na Eurásia, estão de algum modo relacionados com alguns indicadores seleccionados e o modo como variam de acordo com as diferentes regiões. Em nosso entender, é plausível assumir que as organizações terroristas possam actuar, na busca de resultados de nível político/estratégico, em algumas e determinadas zonas e em circunstâncias particulares.

Dado que em 1990 os EUA assumiram o papel de única superpotência, foram eleitos, também por isso, pelas organizações que utilizam o terrorismo, como alvo preferencial. Esta atitude parece ser bastante racional em termos estratégicos, se pensarmos que o actor americano se constitui como o único pólo do Sistema Internacional, de alcance global, assumindo posturas hegemónicas, revelando capacidade para influenciar as políticas externas dos outros actores no palco

³⁰ Ideia que se reitera mais à frente, por altura da análise estatística.

internacional. Logo, ao provocarem os EUA ou os seus aliados (conforme a conjuntura e as configurações de resposta), os grupos terroristas obrigam-nos a responder, a buscar consenso ou a agir de forma mais ou menos unilateral, conforme os interesses em jogo, a enfrentar alguma descredibilização e a colocar a descoberto eventuais rupturas nos equilíbrios existentes.

À primeira vista pode parecer difícil aceitar a ideia de que as organizações terroristas podem planear estrategicamente e muito menos enveredar por um jogo até agora, jogado por um clube de países influentes e sobretudo por actores estatais, na generalidade. De facto muitas organizações terroristas são constituídas por células pequenas que não possuem as estruturas e a organização necessária para planear e executar de forma elaborada. Isto é certamente verdadeiro mas, ao acontecimentos recentes e os estudos já efectuados, têm vindo a mostrar que essas organizações, salvaguardando as óbvias questões dos objectivos e meios necessários para os concretizarem, não necessitam de uma logística muito pesada para obterem os efeitos pretendidos e no espaço seleccionado ³¹.

Começámos então por analisar os dados sobre o total das ataques terroristas e os números de vítimas para a amostra já referenciada de 121 países, assim como a distribuição dos atentados ao nível mundial por grande região.

Baseados nos pressupostos apresentados na secção anterior, numa segunda fase, deixámos de lado os países Americanos e Africanos (com excepção de Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia, Egipto³²), de modo a utilizar apenas a amostra relativa aos países da Eurásia numa estimação econométrica – já que este bloco continental é o principal teatro de operações na luta por influência política ³³.

Com base nos argumentos expostos na secção 3.4. e seguindo a literatura acerca dos factores que determinam o terrorismo, procurámos incluir variáveis que estão supostamente associadas aos países que sofreram ataques terroristas, de modo a podermos formular as hipóteses do nosso modelo.

³¹ A sociedade internacional também se caracteriza hoje, dado o fácil acesso ao conhecimento e a meios, pela «democratização» da violência.

³² Por exemplo, a Eurásia de Mackinder incluía o Norte de África, dado que o Mediterrâneo não se constitui como um separador; por outro lado pretende-se aliar Brzezinski com as condições mais favoráveis à verificação de uma das nossas hipóteses.

³³ O *grande tabuleiro de xadrez*, conforme referido na secção 3.3. Estudos recentes usaram apenas amostras de países, tal como Sanjeev (2004), que considerou apenas 22 episódios de conflitos em países de rendimento baixo e médio no seu estudo acerca da relação entre conflitos armados e a performance económica.

4.1. *Hipóteses*

- H1 - A “ideologia Islâmica” determinou de modo significativo as acções terroristas registadas nos últimos sete anos, pelo menos em termos do impacto dos seus resultados. A fé religiosa fundamentalista actua como uma poderosa ideologia;
- H2 - Quando planeiam os seus ataques, os terroristas tomam em consideração a relevância geopolítica do estado/região onde vão operar. Num dado contexto geopolítico, as organizações terroristas podem avaliar perspectivas dinâmicas de poder à escala regional.

Analisando as séries estatísticas e depois utilizando algumas delas na estimação de uma relação econométrica, esperamos poder verificar estas hipóteses e, desse modo, identificar alguns factores adicionais que possam explicar os ataques terroristas. Iniciámos pela análise dos dados disponíveis para todos os países, ao nível agregado e por grandes regiões.

4.2. *Análise da informação estatística*

Considerando os dados analisados entre 1997 e 2004³⁴, registou-se um número total de 9024 acções terroristas ao nível mundial. Os quadros 1 e 2 resumem a caracterização do terrorismo por regiões no período analisado, em comparação com o período anterior (1968 a 1997). No quadro 2 observamos que, as zonas limítrofes da Eurásia (Oriente, Europa Ocidental e Oriental, Médio Oriente e Golfo Pérsico e Sul da Ásia) concentraram 6936 acções terroristas nos últimos sete anos, representando cerca de 82% do número total de incidentes. Aumentaram relativamente ao primeiro período, que registou perto de dois terços do total.

À primeira vista podemos, pois, concluir que a Eurásia é o palco espacial preferencial do terrorismo. Por outro lado, a América Latina ainda contribuiu com cerca de 15% dos casos (eram 24% entre 1968/97), quase todos na Colômbia (1099) mas, tal como África, são espaços de contextualização geopolítica diferente. África registou apenas 2,9% dos incidentes terroristas.

³⁴ MIPT-The Oklahoma City National Memorial Institute for the Prevention of Terrorism; última actualização em Abril de 2004.

Do 1.º para o 2.º período importa notar:

- Verificou-se um aumento significativo do número de ataques terroristas no Sul da Ásia e na Europa Oriental, respectivamente de 4% para 17% e de 2% para 9% (Quadro 2) e também no Médio Oriente, de 19% para 26%;
- Em termos das mortes registadas houve um aumento notável, derivado principalmente do ataque às Torres Gémeas de Nova Iorque no 11 de Setembro; assim, o número de óbitos no período 1997-2004 atingiu 11810, que foi mais do que a totalidade registada nos 29 anos anteriores. Isso representou uma média de 1247 mortes por ano, quando comparado com apenas 256 mortes anuais em média no 1.º período³⁵.

Quando analisamos os incidentes por objectivo (quadro 3), verificamos que o número de incidentes em “companhias aéreas, edifícios ou pessoal, de âmbito diplomático e governamental”, se reduziu em percentagem do total – tendo representado 77% em 1968/97 e 53% no 2º período, gerando uma redução no número de mortes nesse tipo de alvos (de 45% para 15% nos últimos sete anos), enquanto que os ataques a “cidadãos e propriedade privadas” têm aumentado consideravelmente, representando cerca de 29% do total de incidentes e 28% do número total de vítimas. Se adicionarmos o número de incidentes sobre cidadãos privados, transportes e Organizações Não-Governamentais, obtemos 37% do total; quando em alvos “Governamentais, diplomáticos, militares e policiais”, representam apenas 28%, o que parece mostrar que houve um re-direccionamento dos objectivos – de símbolos do governo e das forças de segurança, para os cidadãos comuns.

A América do Norte representou 26% do total do número total de mortes durante o período 1997-2004, correspondendo a 3068 mortes, em consequência do 11 de Setembro de 2001.

Assim, a nossa análise dos dados estatísticos confirma a opinião generalizada na literatura e na opinião pública de que, desde a última década, os cidadãos são os alvos preferenciais e que os atentados demonstram uma maior letalidade do que em décadas anteriores. Enders e Sandler (2000) concluíram que os acidentes com vítimas aumentaram desde 1979, enquanto o seu estudo de 2004, aplicando técnicas econométricas mais sofisticadas – o processo Bai Perron para detectar quebras estruturais em 2001 e a partir dessa data – concluem que não há aumento do crescimento

³⁵ Importa relevar, por rigoroso, que a análise efectuada sustenta-se na comparação entre 2 períodos temporais e não inter-períodos. É conhecido, por exemplo e de acordo com elementos proporcionados pelo IPRIS que o n.º de mortos em 2001 foi de 6138 e em 2003 de 1478, demonstrando uma redução significativa; em 2002 o número atingiu o valor de 2263.

do número de atentados mas, uma alteração na sua composição ³⁶, acentuando-se a sua violência e o número de mortes nomeadamente, devido ao maior recurso ao uso de bombas: incidentes com mortes cresceram de 54 pontos percentuais e a proporção de feridos para 48, enquanto que os incidentes que envolvem a tomada de reféns baixou de 11 por trimestre para 3 desde o 11 de Setembro de 2001 e o número de mortes por explosão de bombas aumentou 25 pontos percentuais (2004, p. 11).

Quadro 1: Incidentes Terroristas por Região entre 1968 e 2004.

Regiões	Nº Ataques		Feridos		Mortes	
	1968/ 97	1997/04	1968/ 97	1997/04	1968/ 97	1997/04
América Norte	480	91	1289	30	369	3068
Europa Ocidental	2177	2291	5768	721	868	149
Europa de Leste	175	833	208	2581	47	1196
América Latina	1738	1324	1405	1726	654	1119
Ásia Central e Oriental	147	57	5221	107	202	87
Sul da Asia	304	1506	5659	5023	1289	2489
SE Asiático	243	349	419	2176	248	670
Médio Oriente	1398	2308	8199	5226	2761	1372
África	535	265	1257	6753	987	1660
TOTAL	7200	9024	29427	24343	7427	11810

Fonte: (MIPT, 2004).

Quadro 2: Incidentes e Vítimas por Região entre 1968 e 2004 (% do total).

Regiões	Nº Ataques		Feridos		Mortes	
	1968/ 97	1997/04	1968/ 97	1997/04	1968/ 97	1997/04
America do N.	6,67	1,01	4,38	0,12	4,97	25,98
Europa Ocidental	30,24	25,39	19,6	2,96	11,69	1,26
Europa de Leste	2,43	9,23	0,71	10,6	0,63	10,13
America Latina	24,14	14,67	4,77	7,09	8,81	9,48
Ásia Central e Oriental	2,04	0,63	17,74	0,44	2,72	0,74
Sul da Asia	4,22	16,69	19,23	20,63	17,36	21,08
SE Asiático	3,38	3,87	1,42	8,94	3,34	5,67
Médio Oriente	19,42	25,58	27,86	21,47	37,18	11,62
África	7,43	2,94	4,27	27,74	13,29	14,06
TOTAL	100	100	100	100	100	100

³⁶ Ainda de acordo com o IPRIS e numa análise inter-período temporal 2001-2003, comprova-se, de igual maneira, a diminuição do n.º de acção terroristas no espaço mundial: de 546 em 2001, para 325 registados no ano de 2003.

Quadro 3: Incidentes por Objectivos (% do total).

Targets	Nº Ataques		Feridos		Mortes	
	1968/ 97	1997/04	1968/ 97	1997/04	1968/ 97	1997/04
Cidadãos	69	2592	428	6829	127	3409
%	0,96	28,7	1,45	28,1	1,7	28,4
Airlines,diplomat, gov	5586	4742	11982	7958	3327	1789
%	77,6	52,5	40,7	32,7	44,8	15,1
Tourismo, transportes	334	793	3529	2815	974	1013
%	4,6	8,8	12,0	11,6	13,1	8,6

Fonte: (MIPT, 2004).

4.3 Estimação Econométrica

De molde a testar as hipóteses descritas em 4.1, analisámos uma série alargada de indicadores tais como, a percentagem de Muçulmanos na população (Musl), uma *dummy* (tomando o valor 1 ou 0) para o factor “posição geográfica relevante”³⁷ (Pos), a abertura ao comércio externo (Open), a natureza do regime político (POL), o índice de desenvolvimento humano (IHD) e a existência de reservas energéticas significativas (Ener), entre outras. Neste artigo, estas variáveis são consideradas como estando incluídas nos factores geopolíticos/geoestratégicos, tal como descrevemos na secção 3. De um ponto de vista metodológico, a análise destes factores aponta para a sua eventual relevância no processo de planeamento político/estratégico dos actores, incluindo assim as organizações terroristas com esse perfil. Também é importante notar, que os indicadores do posicionamento geopolítico podem contribuir para um melhor entendimento da realidade a diferentes escalas, i.e., local, regional ou global, que possa conduzir à formulação de hipóteses que sustentam modelos dinâmicos da realidade internacional (IAEM, 1993). Como muitos dos atentados têm origem em enraizados problemas internos dos países, quaisquer problemas de natureza social, étnica política ou financeira dos países pode atrair o terrorismo. Assim, o número de grupos étnicos (Ethn), dívida externa grande ou elevado

³⁷ Vulgarmente usados em geopolítica para traduzir a importância da posição geográfica de cada país nas relações políticas internacionais e até na hierarquização das potências – Cline (1978, 1980), Couto (1988) e Bessa (2001).

grau de abertura ao comércio externo (*Open*), taxas de crescimento da população elevadas ou migração intensa (*MigRate*), podem indicar *stress* económico e social.

Tendo em linha de conta estes pressupostos mas, tentando evitar incluir indicadores correlacionados entre si, seleccionámos só algumas variáveis que, directa ou indirectamente podem ser significantes para testar as hipóteses avançadas na secção 4.1. relativas aos factores que influenciam o comportamento dos terroristas.

Estimámos duas equações pelo método dos mínimos quadrados (*Ordinary Least Squares*) com dados *cross-section* relativos a 85 países pertencentes ao maior agregado “geopolítico” – a Eurásia (modelo 1), e ainda para uma amostra da Eurásia (60 países) – de molde a trabalhar com um grupo menos heterogéneo de actores e, baseados no enquadramento geopolítico descrito na secção.4, excluímos uma das suas periferias, agora mais alargada (a cabeça de ponte democrática de Brzezinski), constituída pelos países da União Europeia).

Tomámos o número de ataques como a variável dependente e a escolha de variáveis independentes (ou explicativas) foi baseada nas hipóteses descritas na secção 3. As funções de regressão são da seguinte forma:

Modelo 1:

$$N. \text{ ataques} = b_0 + b_1 \text{ Musl} + b_2 \text{ Ener} + b_3 \text{ IO} + b_4 \text{ Pol} + b_5 \text{ Pos} + b_6 \text{ IHD} + b_7 \text{ Open} + \epsilon$$

Modelo 2:

$$N. \text{ ataques} = a_0 + a_1 \text{ Pol} + a_2 \text{ Min} + a_3 \text{ Lit} + a_4 \text{ Ethn} + a_5 \text{ Embass} + \epsilon$$

em que as abreviaturas designam o seguinte: (*Musl*) significa a proporção de muçulmanos na população total, de modo a capturar a influência do factor Islâmico no terrorismo. *Ener* e *Min* são *dummies* assumindo os valores 1 em países com relevantes reservas energéticas e minerais e 0 quando não existem; em conjunto com a participação em organizações internacionais (*IO*) e com a *dummy* para a “posição geográfica” (*Pos*), são incluídas para testar a hipótese de que as organizações terroristas têm em mente interferir no contexto geopolítico/geostratégico. O pressuposto de que o baixo nível de desenvolvimento, o regime não-democrático e a

dependência económica são determinantes para o terrorismo, será testada pela inclusão do “Índice de Desenvolvimento Humano” (*IDH*), do regime político (*Pol*), do serviço da dívida (*debt*) e do grau de abertura ao comércio (*Open*). Os resultados podem ser vistos nos Quadros 4 e 5.

5. Resultados da Estimação Empírica

Os coeficientes estimados para a primeira equação (Modelo 1 – Eurásia) têm os sinais esperados e alguns são significativos, de acordo com alguns dos nossos pressupostos, explicados ao longo da secção 3. No quadro 4 observa-se que a estimação é significativa a 1% (*F value*); porém, o grupo de variáveis independentes pode apenas explicar cerca de 22% da variação no número de ataques terroristas entre países (dado que $R^2 = 0.22$). O *IDH* e organizações internacionais (*IO*) têm nível de significância entre 5% e 10% no modelo 1. A posição geográfica (*Pos*), o regime político (*Pol*) e o grau de abertura (*Open*) têm os sinais esperados mas elevados *p-values* – representando 15 a 18% de significância – o que, geralmente não se considera significativo. A proporção da população Islâmica (*Musl*) é claramente não-significante. O regime político (*Pol*), *Open*, *Debt* e o *IHD* têm coeficientes negativos, o que significa que o maior número de ataques no continente Euro-asiático neste período tem ocorrido nos países menos desenvolvidos, com regimes não-democráticos, com menor grau de abertura (ou seja, menor influência da globalização) e maior participação em organizações internacionais. Isto parece corroborar o pressuposto da “deprivation approach” do terrorismo mas, indirectamente, também a influência do factor posição.

A regressão do modelo 2 compreende uma amostra dos países da Eurásia. Mantivemos o número de ataques como a variável dependente e utilizámos algumas das variáveis explicativas do modelo 1; devido ao seu grau de correlação, usámos o nível de literacia em vez do *IHD* e o número de embaixadas em vez das organizações internacionais. Os resultados podem ser observados no Quadro 5. Como era de esperar, algumas variáveis que eram significativas no modelo 2 são significativas a níveis inferiores a 5%, tal como a existência de grandes reservas de minerais (*Min*) e literacia (*Lit*); o regime político é significativo em ambas, as embaixadas não são significativas e os grupos étnicos (*Ethn*) são significativos a 10%. Deixámos de lado estas duas e estimámos a equação de novo – modelo 2(b). Assim,

verificamos que apenas três variáveis – recursos minerais, regime político e literacia explicam cerca de 28% da variação inter-país no número de ataques terroristas e o “resumo estatístico” indica um melhor resultado econométrico que o modelo 1. Também adicionámos dados relativos ao número de organizações internacionais, ao grau de abertura e ao serviço da dívida mas, nenhum é significativo.

Quadro 4: Resultados da regressão para a Eurásia.

Modelo 1

Variável Dependente: o número de ataques terroristas (ANOVA(b))

Coefficientes Estimados	Coef.Não-estandard.	Coef. Estandard.	Estatist. T	Significancia
Constante	237,46		1,119	0,268
Musl	0,461	0,088	0,564	0,575
Pos	65,62	0,164	1,362	0,179
IO	4,73	0,278	1,951	0,051
Open	-0,77	-0,204	-1,436	0,154
IHD	-444,8	-0,271	-1,670	0,100
Pol	-85,4	-0,181	-1,405	0,166

Resumo de testes estatísticos:

R = 0,471 R² = 0,222 Adj R² = 0,138 St Error = 183,83 F = 2,660 Signif. = 0,024

Quadro 5: Resultados da regressão para uma amostra da Eurásia.

Modelo 2

Variável Dependente: o número de ataques terroristas

Coefficientes Estimados	Coef.Não-standard.	Coef. Standard.	Estatist T	Significância
Constante	412,289	137,836	2,991	0,004
Pol	-96,874	43,915	-2,206	0,032
Mín	133,145	66,382	2,006	0,050
Lit	-3,501	1,434	-2,441	0,018
Ethn	-13,275	8,051	-1,649	0,103
Embass	1,053	0,702	1,508	0,137

R = 0,576 R² = 0,332 Adj R² = 272 St Error = 140,087 F = 5,566 Sign. = 0,000

Modelo 2 (b)

Coeficientes Estimados	Coef. Não-standardiz.	Coef.Standardiz.	Estatist T	Significância
Constante	501,037		3,963	0,000
Pol	-128,298	-0,390	-3,072	0,003
Min.	170,270	0,350	3,148	0,003
Lit.	-4,646	-0,442	-3,465	0,001

Resumo de testes estatísticos:

$$R = 0,527 \quad R^2 = 0,278 \quad \text{Adj } R^2 = 241 \quad \text{St Error} = 142,163 \quad F = 7,563 \quad \text{Sign.}=0,000$$

Embora não se representassem no quadro 5, outras variáveis também se incluíram no modelo 2b mas, não foram significativas – como a população Muçulmana «Musl», «recursos alimentares», «numero de TVs».

Assim, embora a corrente Islâmica tenha adquirido uma indisputável relevância na análise do terrorismo, no período 1997 a 2004, não se provou ser estatisticamente significativa quando medida pela variável “Musl”.

5. Conclusões

As hipóteses descritas na secção 3, foram testadas com a análise de séries estatísticas de ataques terroristas e de outras variáveis, totais e por região, tendo sido também estimado um modelo econométrico, relacionando o número de ataques terroristas com um grupo de indicadores económicos, demográficos, políticos e outros indicadores geopolíticos. Devido ao problema de multicolineariedade (elevado grau de correlação entre variáveis explicativas), é difícil estimar a contribuição de um grande número de variáveis para explicar os ataques terroristas em termos globais. O resultado econométrico não confirma a nossa hipótese 1. Contudo, as nossas séries revelam que o número de organizações terroristas em países Islâmicos³⁸ é de 66 em 2004. Se, porém, considerarmos todos os países com mais de 4% de população Muçulmana, eles albergam 167 organizações terroristas, que representam 50,3% do total das 332 organizações conhecidas. Parece-nos bastante significativo, dado que o terrorismo transnacional opera de um modo descentralizado, utilizando pequenas células operacionais em vários países (particularmente onde há imigrantes muçulmanos, embora minoritários), cooperando com outras organizações não-Islâmicas.

³⁸ Considerámos aqueles cuja população tem mais de 70% pessoas de origem Muçulmana.

Os resultados da estimação econométrica parecem confirmar alguns dos pressupostos das abordagens da “privação” às determinantes do terrorismo, pois que, o maior número de atentados na Eurásia, neste período, ocorreu nos países menos desenvolvidos, com regimes não-democráticos, baixos níveis de literacia e menos dependentes do comércio internacional.

Globalmente, as conclusões do nosso estudo podem resumir-se do seguinte modo:

- Para o período analisado (pós-1997), a hipótese de que o Islamismo é um factor determinante do terrorismo não pode ser aceite, dada a sua falta de significância estatística no modelo econométrico estimado. Contudo, o coeficiente estimado é positivo; logo, registam-se mais atentados nos países que têm população Muçulmana. Para além disso, a simples observação das séries revela um aumento significativo do número de organizações terroristas islâmicas.
- A nossa segunda hipótese parece estar correcta – ou seja, os resultados mostraram que alguns factores geopolíticos são relevantes na compreensão do terrorismo, dado que: a) existem diferentes variáveis explicativas, com significância estatística, para cada uma das duas áreas geográficas da Eurásia (modelo 1 e modelo 2); b) as variáveis relativas ao regime político, à existência de grandes reservas minerais, à participação em organizações internacionais e ao grau de literacia têm significado estatístico.
- Outras variáveis geopolíticas tais como embaixadas, a posição geográfica, as reservas alimentares e de energia, o nível de desenvolvimento e as migrações estão correlacionadas com os ataques terroristas, embora não sejam estatisticamente significativas no nosso modelo econométrico.
- a significância e o sinal positivo da variável “participação em organizações internacionais” e a correlação positiva entre o número de ataques e o número de embaixadas parece confirmar o ponto de vista de que a componente política da globalização está a crescer mais rapidamente que algumas das suas manifestações económicas³⁹.
- A tendência para o aumento do número de vítimas, nomeadamente entre os cidadãos pode ser observada por simples análise dos dados (Quadro 3): representaram cerca de 28% do número total de mortes entre 1997 e 2004, enquanto que no período anterior eram cerca de 2% em média.

³⁹ Conclusão expressa in www.foreignpolicy.com/issue_April_2004 na Análise do *Index of globalization for 2003*

BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA, Artur et al (2000). *Guia do Mundo 2000/2001*, Trinova Editora, Lisboa.
- BERNHOLZ, Peter (2004). “Supreme values as the basis for terror”, *European Journal of Political Economy*, June, p. 317-333.
- BESSA, António (2001) *O Olhar de Leviathan*, ISCSP, Lisboa.
- BLOMBERG, S. [et al.] (2004). “Economic conditions and terror”, *European Journal of Political Economy*, June.
- BONIFACE, Pascal [et al.] (2002). *As Lições do 11 de Setembro*, Livros Horizonte, Lisboa.
- BRUK, Tilman and B. WICKSTROM (2004). “ The economic consequences of terror: guest editor’s introduction”, *European Journal of Political Economy*, June, p.293-300.
- BRZEZINSKI, Zbigniew (1997). *The Grand Chessboard*, Basic Books, New York.
- BRZEZINSKI, Zbigniew (1998). *El Gran Tablero Mundial*, Paidos, Barcelona.
- BRZEZINSKI, Zbigniew(2001). *The Geostrategic Triad*, Center for Strategic and International Studies, Washington, D. C.
- BRZEZINSKI, Zbigniew (2004). *The Choice*, Basic Books, New York.
- CLINE, Ray (1979). *World Power Assessment*, Georgetown University, Washington.
- CLINE, Ray (1980). *World Power Trends and US Foreign Policy for the 1980’s*, Westview Press, Colorado.
- COUTO, Abel (1988). *Elementos de Estratégia*, Vol. I, IAEM, Lisboa.
- DIAS, Carlos (2004). Brzezinski e Kissinger - os caminhos da superpotência; diferença, complementaridade ou confluência?, Dissertação de Mestrado defendida no dia 22 de Outubro no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa.
- DRAKE, J. M. (1993). “The role of ideology in terrorist’s target selection”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 5, nº 4, winter, p. 253-65.
- DRAKOS (2004). “Terrorism induced structural shifts in financial risk in the aftermath of September 11th terrorist attacks”, *European Journal of Political Economy*, forthcoming.

- DUMAS, Lloyd J (2003). “Is Development an Effective Way to Fight Terrorism?” *War After September 11*, Rowman & Littlefield Publishers, Inc., Boston.
- ENDERS, Walter and SANDLER, Todd (2000). “Is International Terrorism Becoming More Threatening? A Time Series Investigation” in *Journal of Conflict Resolution* 44 (3), p. 307 a 320.
- ENDERS, Walter and SANDLER, Todd (2004). “After 11Sept: is it all different now?” Presented at the *Lisbon Conference on Defence and Security*, Instituto da Defesa Nacional.
- EUBANK W. and WEINBERG L. (1994). “Does democracy encourage terrorism?”, *Terrorism and political violence*, 10(1), p. 108 a 118.
- EUBANK W. and Weinberg L. (1998). “Terrorism and democracy: perpetrators and victims”, *Terrorism and Political Violence*, 13, p. 155 a 164.
- GUPTA, Sanjeev (2004). “Fiscal consequences of armed conflict and terrorism in low-and-middle-income countries”, *European Journal of Political Economy*, June, p. 403 a 421.
- GURR, T. R. (1990). Terrorism in democracies: Its social and political bases in *The politics of terrorism*, Ed. Stohl, M. M. Dekker, New York, p. 119 a 143.
- HEGRE, H. (2002) “Disentangle democracy and development as determinants of armed conflict”, W. Paper, *World Bank*.
- HOFFMAN, Bruce (1997). “The Confluence of International and Domestic Trends”, *Terrorism and Political Violence*, 9 (1), p. 1 a 15.
- IAEM (1993). *Elementos de Análise Geopolítica e Goestratégica*, Instituto de Altos Estudos Militares, Lisboa.
- KRUEGER, Anne and MALECKOVA, J. (2002). “Education, poverty, political violence and terrorism: Is there a causal connection?”. *NBER WP N° 9074*.
- LE BILLON, P. (2001). “The political ecology of war: natural resources and armed conflicts”. *Political Geography* 20 (3), p. 561 a 584.
- LI, Q. and SCHAUB D. (2004). “Economic globalization and transnational terrorist incidents: a pooled time series analysis”, *Journal of Conflict Resolution*, forthcoming.
- MERARI, Ariel (1993). “Terrorism as a strategy of insurgency” in *Terrorism and Political Violence*, vol. 15, p. 213 a 251.

- MUELLER, Dennis (2004). “Rights and citizenship in a world of global terrorism”, *European Journal of Political Economy*, June, p. 335 a 348.
- TODD, Emmanuel (2002). *Após o Império*, Edições 70, Lisboa.
- SANDLER, Todd and ENDERS Walter (1996). “Tourism and foreign direct investment in Spain and Greece”, *Kiklos*, 49 (3): 531 a 354.
- SANDLER, Todd and ENDERS Walter (2004). “An economic perspective of transnational terrorism”, *European Journal of Political Economy*, forthcoming.
- SANJEEV, Gupta [et al.] (2004). “Fiscal consequences of armed conflict and terrorism in low and middle income countries”, *European Journal of Political Economy*, June, p. 403 a 421.
- ICT (2004). The Institute for Counter Terrorism, Internet: www.ict.org.il, 23June, 10h30min.
- IISS (2002). *The Military Balance 2002-2003*, The International Institute for Strategic Studies, Oxford University Press, London.
- MIPT (2004). Memorial Institute for the Prevention of Terrorism, Internet: <http://db.mipt.org>, 23June, 14h15min.
- MIPT (2004). Memorial Institute for the Prevention of Terrorism, Internet: http://db.mipt.org/rep_ingr_rep.cfm; http://db.mipt.org/6898_rep_inta_rep.cfm, [/ingr_rep.cfm](http://db.mipt.org/ingr_rep.cfm) /[by_tactic.cfm](http://db.mipt.org/by_tactic.cfm), [_by_target.cfm](http://db.mipt.org/_by_target.cfm), [/_idrg_rep.cfm](http://db.mipt.org/_idrg_rep.cfm) - de 23 a 25 de Junho.
- www.onu.org/Docs/sc/Committees, 12June, 09h00min.
- PNUD (2003). *Relatório do Desenvolvimento Humano 2003*, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Mensagem, Queluz.
- WHITEHOUSE (2004). Internet: www.whitehouse.gov, 15February, 15h00min.

Outros sítios:

- CIA (2004). Central Information Agency, Internet: <http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/fields/2112.html>
<http://www.tagish.co.uk/links/embassis/countries/m.htm>, 21June, 19h15min.
<http://www.foreignpolicy.com/> issue April 2004, issue Jan/Feb 2003
<http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/fields/2112.html>

Multimedia

- CD's - Encarta Encyclopedia Plus 2003.